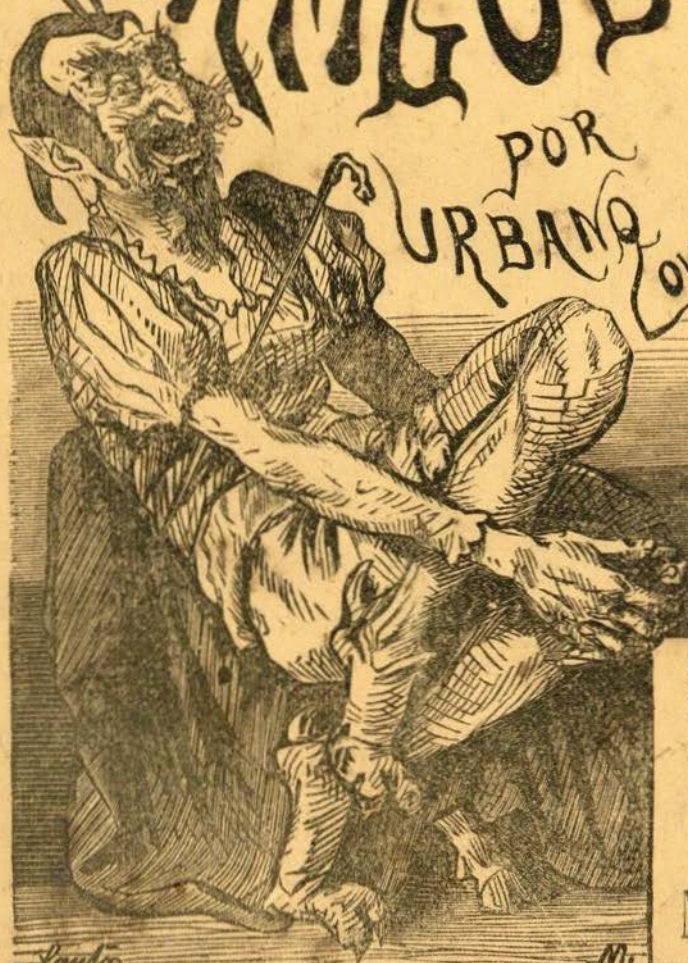


WORTIGÕES

POR
URBANO
LOUREIRO

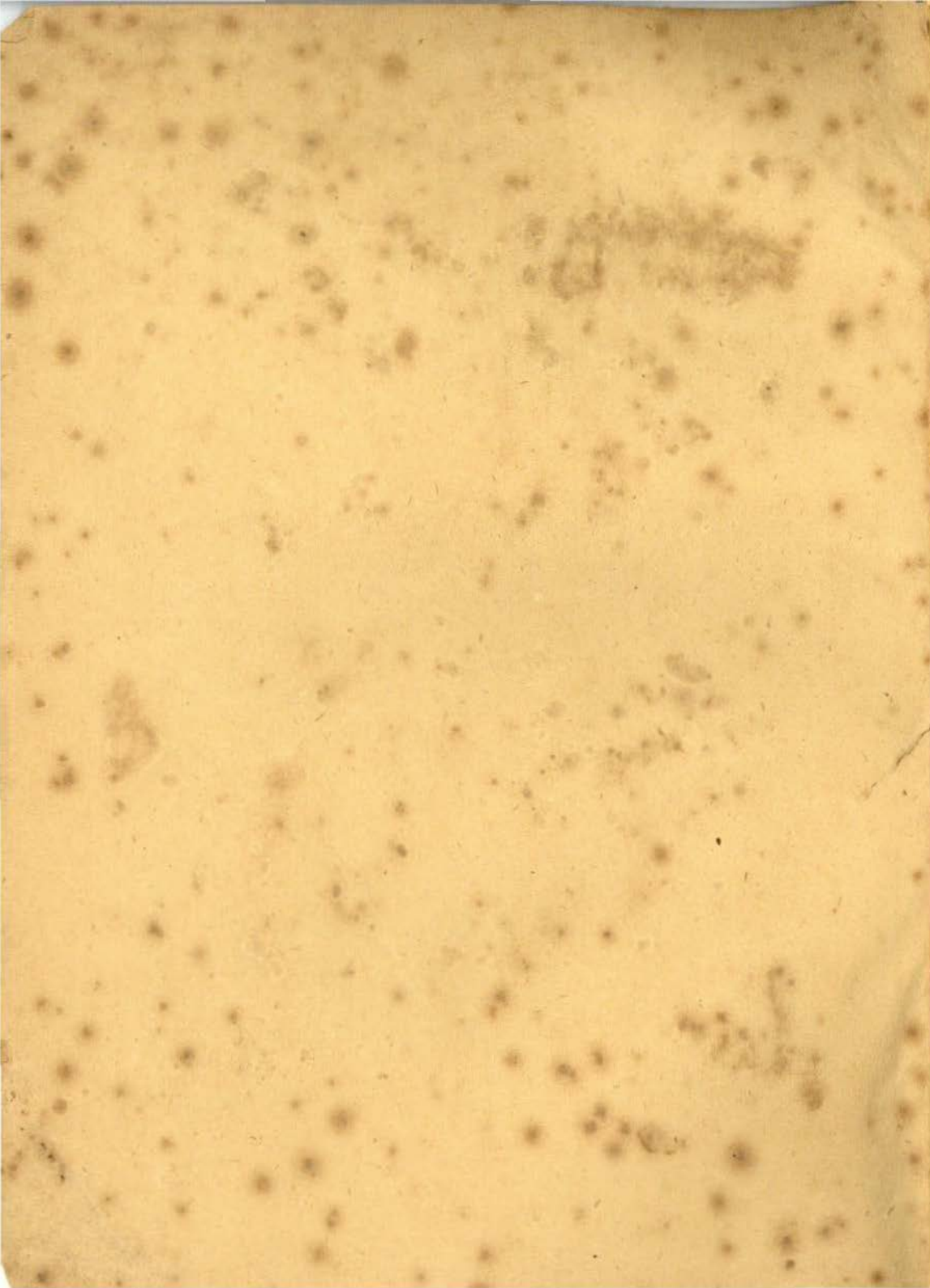


MAIO

DE

1877

N.º 8



URBANO LOUREIRO

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ—PERTIS DIVERSOS
— SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 8

MAIO DE 1877.

PORTO

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

8— Santo Ildefonso— 10

1877

La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

A GUERRA. — Não é novidade. — Não mais batalhas. — Solução do problema. — Os reis campeões dos povos. — Entretanto vão-se fusilando. — Um bandarra. — O CARNAVAL DE BRAGA. — O snr. marquez de Vallada e o entrudo. — Os correspondentes. — *Ceci tuera celá*. — Recepção de s. exc.^a — Aspecto da cidade. — Chuva de petalas e de molha-tolos. — Surpreza de s. exc.^a ao vêr os cidadãos de Braga; espanto d'estes ao verem s. exc.^a. — Salama-leks, hymnos, discursos. — Braga do avesso. — Typo. — CARTAS DO OUTRO MUNDO. — 3.^a *Da sombra do ermitão Antonio da Piedade, romeiro dos Logares Santos, em 1450, aos peregrinos portuguezes de 1877*. — A ORTHOGRAPHIA. — Um *meeting* imponente. — Vozes. — Um fallador á hora. — Milagre da orthographia. — Economia de lettras. — O ponto de partida. — Reformar alguma coisa. — A alfandega e a reforma orthographica. — A orthographia legal. — Acha-se a commissão incompleta. — O RECLAMO IMPERIAL. — A furia do reclamo. — Um imperador da America. — Por amor do reclamo. — Definição de Sua Magestade. — O PAIZ DOS PRODIGIOS. — Ad-

miração constante. — A imprensa de bocca aberta. — Admiravel! soberbo! magnifico! — Amostras do panno. — Critica dramatica. — OS TRES VIAJANTES (verso). — 1.º *D. Pedro*. — 2.º *Midhat-pachá*. — 3.º *Fontes*. — Total... — **VESPAS**. — *O snr. Barros e Cunha e as caixas de phosphoros*. — *Tapona e indignidade*. — *O victorioso sultão e o imperial professor*. — *Offenbach na côrte*. — *Caldas ou Dardanellos?* (verso). — *O conego D. Affonso XII*. — *Nova definição de «justiça.»* — *O papa e o rapa* (verso). — *O premio dos cavallos e da Academia*. — *O hospicio dos brutos*. — *O snr. Fernandez de los Rios* (verso). — *As corridas de touros*. — *Para ajuda da peregrinação* (verso). — *O grande marquez*. — *Expediente*. — *Almanach dos ORTIGÕES para 1878*.

A GUERRA.

Não é novidade nenhuma para o mais bissonho dos nossos leitores, mas é um facto que se torna preciso assignalar, visto que pertence ao mez corrente, cujos successos passamos em revista: — Rompeu a guerra entre os turcos e os russos.

A estas horas muitos paes, muitos irmãos, muitos filhos e muitas esposas trajam lucto

em memoria de outros tantos desgraçados, que se estorceram n'uma derradeira agonia no campo de batalha, por alto recreio de dois homens que têm sómente a preocupação da victoria e da conquista.

Mas os culpados de tudo isto não se diga que são unicamente os reis; não; são-n'ó em primeiro logar e sobretudo, os povos.

. . .

Quereis poupar o sangue de tantas centenas de milhares de homens, sacrificados por toda a vasta superficie da terra ao capricho, á ambição, á loucura de uma dezena de soberanos? — Está isso na vossa mão, ó povos do mundo!

E eis como, attentai bem.

Fareis convidar todos os governos, ou antes, todas as nações da Europa a renunciarem, não á guerra, — isso é que nunca poderá ser, ao que parece, — mas á guerra, tal como ella se faz desde muito, e sobretudo como ella se faz hoje; á guerra que exige

grossos exercitos permanentes, que arruína egualmente o vencedor e o vencido, que assola os campos, destroe as searas, saquêa os povoados; por esta fórma:

Que todas as questões internacionaes, que no tempo presente não acharem outra solução senão nas armas, sejam decididas por um combate singular entre os respectivos soberanos.

Assim, o primeiro artigo de toda a constituição rezaria, sobre os deveres do monarcha, até hoje irresponsavel, e inviolavel, da maneira seguinte:

«O rei será o campeão do seu povo e estará sempre prompto a bater-se, a sacrificar-se por elle, pela sua gloria, pelo seu bem-estar, pela sua proeminencia.»

E então teria soado para os povos a hora de cruzarem os braços deante da lucta dos reis,—e de se elevarem a si monumentos e arcos de triumpho.

Ah! quando veremos a humanidade entrar finalmente no caminho da razão e do bom senso?

Entretanto vão-se fuzilando russos e turcos; e quem sabe se amanhã francezes e allemães, austriacos e italianos, hespânhoes e portuguezes não terão de entrar egualmente na peleja e sacrificar um numero incalculavel de braços vigorosos, de existencias queridas no altar das paixões sanguinarias e ferozes!

Depois, como cada ambicioso acha azado o ensejo de arriscar o seu golpe de dados no taboleiro da Europa, o absolutismo, o clericalismo e o communismo ateam o fogo das desordens intestinas, enquanto a tempestade rugue do oriente ao occidente, ameaçando subverter barreiras e nacionalidades.

No fim, que resultará de tão eminente cataclismo? — Digam-n'o os sabios da escriptura. A nós basta-nos assignalar que é aos reis e não aos povos, aos que jogam uma carta, e não aos que arriscam as fazendas e as vidas, que pertence a responsabilidade do que está succedendo, e do que mais tarde vier a succeder.

Um rei! bem se vê que é um grande elemento de prosperidade, e uma garantia segura de ordem para o povo, que o susten-

ta e lhe obedece, arrostando com todos os flagellos conhecidos. Que os povos se não desfaçam dos reis, se querem viver felizes e tranquillos — como agora!

. . .

— Em face dos diversos estados da Europa, o que é a guerra do oriente? — perguntava um politico; e respondia-lhe um bandarra:

Para a Russia — um pretexto para dar.

Para a Turquia — um pretexto para levar.

Para a Allemanha — um pretexto para se armar.

Para a Inglaterra — um pretexto para se intrometter.

Para a Austria — um pretexto para se impôr.

Para a Italia — um pretexto para se aliar.

Para a França — um pretexto para pensar na desforra.

Para a Hespanha — um pretexto para estender as prezas.

Para Portugal — um pretexto para desaparecer.

Terá razão o bandarra?...

O CARNAVAL DE BRAGA.

Braga tem estado em carnaval permanente; carnaval tanto mais divertido, quanto é sério e os seus entrudos estão possuidos da gravidade dos respectivos papeis na mascarada em que tomam parte.

Esta mascarada é dirigida pelo eminente fidalgo o snr. marquez de Vallada e conde de Caparica, especie de *marquez de Carabás* pequenino, a quem o genuino marquez de Carabás nomeou governador civil de Braga.

Nada mais curioso, nada mais alegre, do que as minuciosas descrições, cheias de augusta seriedade, com que as folhas e os correspondentes locais se propõem divertir o assignante de fóra de barreiras nos dias destinados a manifestarem-se na imprensa.

E dizem que o entrudo tende para o seu fim! Mas só se fôr o entrudo da caraça de papelão; porque o verdadeiro entrudo, o entrudo... sério, o mais divertido de todos, esse estende-se pelo anno adeante e invade todas as camadas sociaes, — de cima para baixo.

Ceci tuera cela, isto matará aquillo, — o carnaval de todo o anno matará o carnaval da folhinha. É verdade.

. . .

Foi pelas 11 horas e meia da manhã do dia 1.º de maio, o mez das flôres e dos gorgeios, das madrugadas limpidas e dos amores ingenuos.

Sómente n'aquelle dia o céu amanhecêra turvo, a atmosphera estava embrulhada, e mesmo uma impertinente chuva de molhatolos principiara de cahir, peneirada tenazmente das nuvens côr de cinza.

Na estação do caminho de ferro de Braga e arredores ajuntava-se um povoleo curioso e fallador, homens de todas as edades, de peizados capotes de cabeçaõ sobre os hombros e enormes guardas-chuvas de paninho azul

e vermelho abertos sobre as respectivas cabeças.

Pendentes de mastros e de barbantes, viam-se algumas duzias de bandeiras molhadas e tristes...

De repente ouve-se um assobio enorme e plangente, uma girandola de foguetes estruge nos ares, uma banda de musica, duas bandas de musica, e não uma, tocam o hymno do rei; e a turba, que experimentára um como choque electrico ao signal da locomotiva que chegava, convergiu toda para a porta da estação, acotovelando-se, amarrotoando-se, atropelando-se com os olhos escancarados e a bocca aberta.

Depois, passados alguns minutos d'uma ancia indescriptivel, assumou á porta, entre um grupo de casacas pretas e gravatas brancas, um sujeito «de nobre apparencia» (vid. todos os correspondentes de Braga sobre o assumpto), vistosamente fardado e sinceramente radiante de crachás, grã-cruzes, commendas e outros productos de ourivesaria.

Os pobres braguezes, ao verem aquelle sol, ficaram attonitos, deslumbrados, e teriam permanecido largas horas mudos e

quedos se uma voz de stentor não gritasse do meio d'elles :

— Viva o nobre marquez de Vallada !

Então, como despertando, a turba repetiu o grito, e as musicas e os foguetes recommçaram de estrugir — com verdadeira furia.

D'ahi a pouco s. exc.^a o marquez de Vallada seguia pela rua Nova e rua do Souto «no seu carro tirado por duas magnificas parellhas» (vid. os mesmos correspondentes) e atraz umas 38 carruagens. As janellas adornadas de vistosos cobertores de damasco, estavam povoadas de bellas damas, que arremeçavam mãos-cheias de petalas sobre o carro de s. exc.^a

Durante este glorioso trajecto, formavam-se numerosos grupos nos passeios e os vivas continuavam entusiasticos.

No entanto, das nuvens implacavelmente côm de chumbo, não cessava de cahir, miuda como poeira, a chuva de molha-tolos.

O céo tambem fazia os seus commentarios.

Um amigo, noticiando-nos o facto, que nos occupa n'este momento, rematava pela seguinte phraze:

«Emfim, dir-se-hia que não era um simples governador civil, que entrava, desconhecido na terra, sem precedentes na historia administrativa dos districtos, mas o proprio snr. D. Miguel, de mythologica memoria.

«A differença estava só nos vivas.»

E mais abaixo:

«Li n'uma correspondencia d'esta boa terra para uma folha commercial do Porto, que — ao chegar o comboyo á estação foi para o nobre marquez a maior das surpresas, quando viu a multidão enorme de pessoas que o esperavam na gare e em redor da referida estação.

«Eu, que tambem fazia parte da multidão enorme, a que se refere o illustre noticiariasta, posso afiançar-lhe que, se foi grande o espanto e a surpresa do nobre marquez ao vêr tanta gente ali, não foi menor a d'esta gente ao vêr s. exc.^a viajando em caminho de ferro com o traje de official-mór da casa real, adornado de commendas

e com a grã-cruz de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

«Se o fato do snr. marquez é este, quando viaja, como será quando tem de comparecer n'alguma recepção solemne do paço? — talvez uma camisa de chita, um guarda-pó, uma bolsa a tiracollo e um bonet de sêda com elastico!»

Mas é ou não verdade que se tractava apenas de uma apparatusa mascarada?

E, por o que respeita á multidão enorme, que estacionava pelas immedições da gare, devemos lembrar-nos de uma notavel coincidencia — que a entrada do snr. marquez tivera lugar *n'um dia de feira*.

. . .

S. exc.^a foi hospedar-se na modesta hospedaria dos *Dois Amigos*, elevada, por este simples facto, á cathegoria de *palacio da presidencia*.

D'ahi por diante foi a grande scena dos *salamalêkes*, scena burlesca, magnifica, lem-

brando o segundo acto do *Barba Azul*, cantata 23, e que se estendeu por algumas semanas, entre discursos, hymnos e versos em honra d'el-rei Bobeche.

Os mesmos individuos, depois de o terem cumprimentado em seu nome e no de suas respeitaveis familias, sahiam, conspiravam n'uma mercearia proxima e voltavam a cumprimentar s. exc.^a em nome de varias outras coisas.

Assim s. exc.^a recebeu uma commissão do centro progressista, do partido regenerador, do corpo docente do lyceu, da associação commercial, dos orphãos de S. Caetano, dos subditos de Villa Nova de Famalicão capitaneados pelo snr. Monteiro Maximo, da associação catholica, da camara municipal, do regimento de infantaria 8, do asylo dos entrevados, da camara d'Espozende, dos bombeiros voluntarios de Braga, do asylo da infancia, dos aprendizes de clerigo, do Bom Jesus do Monte e de varias confrarias, além d'outras visitas sem significação collectiva.

Lembre-mos agora que de todas estas commissões s. exc.^a recebeu pelo menos um

discurso, a que teve de responder com outro, e digam-nos depois se ha dinheiro que pague... uma tão alta honraria.

. . .

O nobre marquez promette mudar Braga do avêssô, por já estar bastante usada do direito, e obsequial-a com varios melhoramentos, que de certo hão de ser saudados com enthusiasmo. Eil-os, entre outros:

Um porto de mar;
Um corpo de policia-civil;
Uma academia polytechnica;
Um telegrapho submarino;
Uma companhia lyrica italiana;
E um hospital de doidos.

O povo de Braga está, pois, cheio das mais gratas esperanças sobre a futura administração de s. exc.^a, a qual se assignalará por acontecimentos nunca vistos nem sonhados; sómente, como o snr. marquez de Vallada é da communhão (?) c'o seu illustre collega da Bolana, e este não prom tte

grande vida ministerial, s. exc.^a deixará a catholica cidade dos arcebispos no momento de propôr a primeira reforma radical... adiando-a para quando subir de novo ao poder.

No entanto os cumprimentos, as recepções, os discursos e as lôas proseguem.

...

S. exc.^a fez annunciar nas esquinas e folhas de Braga o seguinte, que nos auctorisava a suppôr o illustre fidalgo um grande desfructador ou... um grande typo:

«O marquez de Vallada annuncia que ás terças feiras dá audiencia no governo civil desde as 11 horas da manhã ás 3 da tarde, a todas as pessoas que pretendam fallar-lhe.»

E nos outros dias? — Nos outros dias o nobre marquez não falla. Está incommunicavel...

CARTAS DO OUTRO MUNDO

3.^a

*Da sombra do ermitão Antonio da Piedade,
romeiro dos Logares Santos, em 1450, aos
peregrinos portuguezes de 1877.*

Meus irmãos :

Por uma alma que chega n'este momento da antiga Lusitania vim no conhecimento de que vos dispunheis a partir em piedosa peregrinação para a cidade eterna a levardes consolação e dinheiro ao actual pai commun dos fieis, o Santo Padre Pio IX.

Esta noticia, meus dilectos irmãos, encheu minha alma de um grande e santo jubilo por vêr que ainda não tinham esquecido as piedosas tradições que vos legamos nos nossos exemplos de constantes sacrificios em demanda do céu; e entoei duas antiphonas com acompanhamento de harpa em honra do Senhor :

Gloria in excelsis Deo, etc.

Mas o espirito recém-chegado á mansão que eu habito, e em que se comem os mais saborosos fructos, e se cheiram as flôres de perfumes mais exquisitos, e se passeia nos mais dóceis jumentos — conforme diz na sua pastoral de recepção, com verdadeiro conhecimento d'estes logares, o vosso actual bispo d'Angra; mas o espirito recém-chegado — digo — acrescenta que vós, em lugar do habito de estamenha, das alpercatas, dos cilícios, do bordão, e da sacola vasia, pisando a estrada batida dos antigos romeiros, trajaveis boas casimiras e magnificas sêdas, levaveis a tiracolo recheadas bolsas de viagem, e vos fazeis conduzir rapidamente em commodas carruagens a vapor.

Não creio, não posso crêr isso! Seria uma vil parodia, seria um miseravel insulto á minha memoria, e á de tantos dos meus irmãos, que, soffrendo fomes, arrostando frios, martyrisando as carnes, tendo por unico abrigo a abobada celeste, por unico leito a terra, por unico movel a fé, tirando forças novas da oração e do cilicio, se foram arrastando durante muitos mezes e annos até aos logares santos ou junto do tumulto

dos apostolos. Seria uma infame usurpação, uma indigna comedia!

O que nós fizemos pelo amor de Deus, offerecendo-lhe todos os nossos soffrimentos, necessidades e humilhações, tel-o-hieis vós feito pelo simples desejo de viajar na melhor estação do anno, de gosar commodamente um passeio pela Europa, e no qual a religião entraria como simples pretexto.

Repito; seria infame, se fosse verdadeiro; mas não é possível, faço-vos essa justiça, devotos peregrinos; a alma que me trouxe uma tal noticia estava por força mal informada. Enganaram-n'a, illudiram-n'a os impios, inventando uma fabula que seria a condemnação do movimento piedoso que vos leva aos pés do chamado successor de S. Pedro.

Como vós vos mettestes a caminho, nobre patriarcha de Lisboa, illustre senhor do Caniço, reverendos ecclesiasticos, innocente rebanho de beatos, candido grupo de beatas, adivinho-o eu, que sei quanto é piedoso o povo portuguez.

Sobre o vosso corpo extreme havia uma aspera camisa de estopa e sobre ella um

habito e romeira de grosseiro tecido, cingido na cintura por uma correia com fivela de ferro; na cabeça um chapéo desabado com algumas conchas, na mão um cajado nodoso, tendo pendente d'uma das extremidades uma cabaça com agua, nos pés nus umas leves alpercatas.

Com o vosso pastor á frente, que será o primeiro a dar-vos o exemplo da coragem e abnegação evangelica n'esta peregrinação, palmilhando de dia a estrada que leva a Roma, passando a noite com a fronte pouxada n'um penedo do caminho, flagelando as carnes com disciplinas e cilícios, jejuando sempre, vós sereis recebidos pelo successor de S. Pedro, com a commoção que desperta sempre nos homens superiores todas as demonstrações de respeito, nascidas de um grande sentimento de amor filial, capaz dos mais arrojados sacrificios.

Nem poderá deixar de ser assim, meus amados irmãos, ao vêr-vos as faces maceradas, os cabellos em desalinho, as barbas incultas, as mãos queimadas, as unhas crescidas, o habito roto e uma espessa camada de poeira sobre tudo isto.

Ah! como sinto o meu espirito confrangido ao lembrar-me que não poderei acompanhar-vos n'essa devota romagem, eu que visitei sósinho os logares santos, apegado ao meu bordão de peregrino!...

.....

Mas uma nova alma chega d'essa terra e confirma a noticia da primeira, — acrescentando mais que na recepção do Vaticano, segundo o que vós determinastes, sómente será admittido quem fôr de casaca preta e gravata branca; quem tiver luvas de pellica e botas de polimento.

Pois é verdade isto? Pois, para fazer parte da vossa peregrinação, não bastará ter muita fé em Deus e muito amor ao proximo, adorar um e estimar o outro? será preciso antes de tudo uma casaca?

Dizei-me; dizei-me se é verdade isso, se a vossa religião não reconhece outro figurino, dizei-m'o já, amados devotos, que me tarda marcar-vos com o stygma de exploradores da fé, alcunhar-vos de titeres de sacristia, desmascarar-vos publicamente, grandissimos hypocritas!

Não; vós não sois peregrinos; sois uns

comediantes de legua, com escriptura para Roma, que de caminho vos propondes representar uma farça devota, em Lourdes, em La Salette, e n'outros pontos azados.

Vós, indigno bando, com o vosso passeio em caminho de ferro, com as vossas malas recheadas e com as vossas casacas pretas estaes pedindo a intervenção do azurague do justo!

Que elle volva á terra o tempo preciso para vos dispersar a golpes de tagante, — e duas vezes terá expulso os vendilhões do templo... *Amen.*

A sombra do velho ermitão
Antonio da Piedade.

A ORTHOGRAPHIA.

No theatro do Principe Real, do Porto, a convite dos snrs. Bento de Freitas Soares e Delfim d'Oliveira Maia, conde de Samodães e J. Joaquim Rodrigues de Freitas

—qual d'elles mais afflicto por vêr a anarchia em que está a orthographia portugueza, —realisou-se um imponente *meeting*, com o fim de se assentar nos meios de pôr cobro a semelhante desordem.

Como não nos propômos fazer noticiario, mencionando os oradores pela ordem por que fallaram e resumindo a auctorizada opinião de cada preopinante, nem pedagogia, botando dissertação sobre o momentoso assumpto, que, nas circumstancias actuaes de proximo disequilibrio europeu, colloca o snr. marquez d'Avila n'uma posição melindrosa; apenas archivaremos algumas phrases, que por vezes aligeiraram um pouco a athmosphera de *Magnum Lexicon*, que pezava sobre o auditorio.

. . .

Occupára a presidencia o ex.^{mo} snr. Adriano Cardoso Machado —seria preciso dizel-o? —e começára de fallar com a regularidade e monotonia d'um sino que toca a fogo.

Ninguém ignora que o snr. Adriano falla

á hora — como os carros de praça. Um espectador a quem tardava que s. exc.^a largasse a corda do sino, perguntava a outro cortezmente :

— Sabe-me dizer para quanto tempo lheram corda?...

. . .

— Como acontece vermos ligados n'um mesmo amplexo o Rodrigues de Freitas e o Samodães, o Bento de Freitas e o Delfim?...

— Que queres tu? — respondeu o interrogado. — Milagres da orthographia!

. . .

O snr. dr. Delfim acha que na escripta portugueza ha uma grande despeza de letras dobradas, de consoantes mudas, que redundam em desperdicio de tempo, tinta e papel.

Um espectador — Aquella idéa não é d'elle.

Um outro — Então de quem é?

O primeiro — Ha de ser do conde de Samodães; conhece-se logo. Ainda não perdeu a idéa das economias! Verás como ainda propõe a supressão das cedilhas nos *cc* e dos pontos nos *ii*!

. . .

Um orador — . . . Finalmente, o que nós precisamos de adoptar antes de mais nada, é um ponto de partida!

Um espectador (com os seus botões) — E esta?! Quando se tracta de simplificar o systema, acha pouco o ponto de admiração, o ponto de interrogação e o ponto final! quer tambem o ponto de partida! Estamos bem arrançados!

. . .

— É admiravel o empenho que o Delfim mostra n'esta reforma da orthographia!

— Que queres tu! já que não póde reformar a Carta! . . . Elle n'alguma coisa ha de empregar a sua nova actividade reformista. Não foi debalde que o Braamcamp se jun-

tou ao bispo de Vizeu. Cahi o raio na orthographia, como podia ter cahido sobre a póda dos arbustos nas ruas da cidade!

...

—E o Bento de Freitas! quem me explica a presença do ex-governador civil na commissão da reforma orthographica?!

Um sujeito (que tem ouvido a pergunta, voltando-se) — Explico-a eu, se me dá licença. Primeiro, porque era preciso captar as boas graças dos regeneradores, que em assumptos orthographicos são competentissimos. Segundo, por causa da pauta geral das alfandegas.

—Como assim?!

—É facil. Bem vê que, supprimindo-se um dado numero de lettras e de signaes orthographicos, como muito bem disse o snr. dr. Delfim, estragam-se menos pennas, e poupa-se mais papel e mais tinta. Ora esta economia é importante, porque a tinta, o papel e as pennas são artigos, que figuram de um modo vantajoso para o Estado na

pauta aduaneira; d'ahi a presença do director da alfandega do Porto na commissão da reforma orthographica. Nada mais simples.

...

Um orador pede a grandes brados uma orthographia legal. Elle quer a orthographia legal.

— Emquanto não houver orthographia legal — exclama s. exc.^a — viveremos n'um cahos — orthographico!

Esta phrase foi acolhida com uma explosão de applausos.

Entretanto um nosso visinho acotovelava outro e dizia-lhe a meia voz.

— Olha lá; que entendes tu por orthographia legal?...

— Orthographia legal... — respondeu o outro mordendo os nós dos dedos — Eu te digo... só se fôr a do *Diario do Governo*!

...

Por ultimo foi nomeada uma commissão imponente composta de professores, bachareis, engenheiros, empregados publicos, capitalistas, donos de typographias, donos de jornaes — e de quem mais quizesse aggre-miar-se, para assentar nas bazes da nova reforma orthographica.

— E a camara municipal e a junta geral do districto? — interrogou um espectador a meia voz.

— Essas são para o desempate — respondeu outro do lado.

O RECLAMO IMPERIAL.

Sua Magestade o imperador do Brazil, como bom filho da America, á imitação dos grandes industriaes dos Estados Unidos, ama, adora o reclamo.

Vive d'elle e para elle.

Não o prende outra idéa, não mira a outro fim. É o seu ideal de imperador do novo mundo.

E esta paixão desordenada apressar-lhe-ha fatalmente os dias da vida.

É por amor do reclamo que elle abandona os seus Estados, o seu povo, o seu sceptro.

É por amor do reclamo que elle muda de nome ao embarcar n'um paquete, não abandona a mala, já famosa, e deixa de pagar as contas dos hoteis.

É por amor do reclamo que elle corre, vôa, de um paiz a outro, d'uma cidade a outra, d'este áquelle ponto, fingindo vêr, estudar, comprehender tudo, pois que não tem tempo para nada.

É por amor do reclamo que elle procura os homens verdadeiramente notaveis, que lhes recita versos em hebraico, ou lhes falla nos livros de que são auctores, ou finge interessar-se pelos assumptos, que os prendem.

É por amor do reclamo que elle frequenta as Academias, os museus, as associações de sabios, deixando archivado em cada um d'estes estabelecimentos uma banalidade, um logar commum, — que o noticiario reproduzirá no dia seguinte com grande pompa de phrazes louvaminheiras.

É finalmente por amor do reclamo que elle dispende uma actividade, que não possui e que pede emprestada, a juros elevadissimos, aos annos que tem de viver.

A ancia de se vêr apregoado, de se fazer celebre, de deixar na sua passagem um rastro de boccas abertas, tem dado origem aos mais curiosos episodios, que só de tempo a tempo a gazeta registra—convenientemente modificados.

. . .

Um, porém, que chega ao nosso conhecimento, apesar dos commentarios forçados que o lardeam, é tão caracteristico, que não podemos deixar de o reproduzir.

N'uma cidade da Allemanha, onde tinha chegado o celebre *D. Pedró*, devia realisar-se um grande congresso de sabios.

Sua Magestade não podia faltar áquelle ajuntamento, onde se lhe offerecia ensejo de dar nas vistas. Foi.

Tomou a palavra um dos mais eruditos academicos presentes, e no meio do seu discurso sobre fosseis e monstros ante-diluvia

nos, teve ensejo de intercalar um brilhante elogio ao imperial sabio, que deixava os regalos d'uma existencia privilegiada pelos accidentes de uma viagem scientifica, o aconchego dos paços reaes pelas intemperies e asperezas das estações, a indolencia tão querida dos opulentos por uma actividade pasmosa e por uma curiosidade insaciavel.

N'isto a assembléa cortou a palavra ao orador com applausos, voltando-se a saudar o assumpto d'aquelle panegyrico.

O assumpto (D. Pedro d'Alcantara) comecou de applaudir tambem...

Este facto causou estranheza no publico e fez surrir mais de um grave subdito de Sua Magestade o imperador Guilherme.

...

Os admiradores officiosos do sabio coroadado explicaram o facto pela seguinte maneira, dizendo — que Sua Magestade adormecêra na sua poltrona e acordando estremunhado ao estrugir dos bravos, rompêra em applausos ao orador, sem mesmo averiguar de que se tractava.

Diziam outros que o illustre imperador, apesar de acordado, não percebera uma só palavra de quanto dissera o seu panegyrista, e applaudira por tradição.

Nós, porém, não somos por uma nem por outra hypothese. Para isso basta não esquecerem que Sua Magestade explora o reclamo por todas as fórmulas possíveis e imagináveis. Aquella era uma d'essas fórmulas, — applaudir o seu proprio elogio, em presença d'uma assembléa grave e respeitavel.

Escusado será acrescentar que os jornaes do dia seguinte referiam o caso de um modo... lisonjeiro para o *monarcha philosopho*.

...

Definição de Sua Magestade, para uso de futuros chronistas: — É o reclamo de si mesmo.

O PAIZ DOS PRODIGIOS.

Está provado que a critica da arte não tem razão de ser entre nós. Provam-n'o exuberantemente os artigos, que sobre o assumpto lêmos diariamente nas gazetas e revistas. Os nossos escriptores e os nossos artistas, pintores, dramaturgos, actores, architectos, cantores, musicos, esculptores e *tuti quanti* se enfileiram em qualquer d'estas cathogorias, chegaram a um tal gráo de perfeição, que hoje não conseguem arrancar da critica portugueza pacata e sisuda, mais do que estes monosylabos de assombro: — Oh!... Ih!...

Pequeno paiz de grandes homens! — exclamará o estrangeiro ouvindo o concerto de exclamações que a boa critica nacional celebra invariavelmente deante de cada homem ou de cada coisa...

Mas, onde se vê isso mais, diariamente, é em assumptos de theatro. Que de artistas prodigiosos! Que de concepções admiraveis! Que soberba galeria!

Duas provas recentes :

No theatro da Trindade, da capital, representou-se uma traducção dos *Brigands*, de Offenbach, os *Bandidos*. Um jornal, cujo redactor se presume empunhar *um* dos bastões da nossa critica d'Arte, e que abriu, á moda dos grandes jornaes francezes, uma secção de — *Primeiras representações* — diz ahi o seguinte :

«Na Trindade, os *Brigands* tornaram-se sobretudo notaveis pela belleza e luxo da *mise-en-scène*. Não quer isto dizer que Herminia não seja *encantadora* no papel de Fiorella.

«Leoni *impagavel* no do velho bandido Pedro, Queiroz *soberbo* no de Falsacapa, Ribeiro *engraçadissimo* no de guarda livros do principe de Mantua, Augusto *excellente* no de Gloria-Cassis e a snr.^a Adelina Pereira *muito apreciavel* no de princeza granadina. Mas a verdadeira novidade dos *Bandidos*, na Trindade, era a *mise-en-scène*, a 'gloria d'aquelle theatro em todas as peças que ali se apresentam.»

Nós lamentamos que os artistas, em vez de seis, não fossem sessenta, para vermos

até onde ia a fecundidade do critico adjectivista.

. . .

Viram os leitores como se julga do trabalho artistico dos interpretes de qualquer composição dramatica. Vejam agora como se julga do merito de qualquer composição. Ha dias foi n'outro theatro a opereta *Os Gatos*. Escreve a critica :

A opereta *Os Gatos* representou-se pela primeira vez. Agradou *multissimo*. O libretto é *engraçadissimo* e a musica tem trechos *lindissimos*.»

Não ha que vêr, Portugal, ou antes Lisboa, a capital da Arte (sem lisonja), é um alfobre de homens e de coisas surprehendedentes, notaveis, enormes.

Por isso, tambem esses dois charlatães de fama europêa, Salvini e Civili, passaram lá desapercibidos!

Fóra com elles! com os charlatães! com os histriões! e viva... o tenor Pimenta!

OS TREZ VIAJANTES.

Percorrem a Europa actualmente
Trez vultos importantes,
Cuja fama se estende do occidente
Aos povos mais distantes;

De quem se occupa ha tempo em suas prosas
A immortal gazeta,
Contando coisas taes, tão assombrosas,
Que até parecem peta!

Chronologicamente é o primeiro
D. Pedro, o encyclopedico,
Imperador, astrologo, engenheiro
E polyglota e medico!

Traz comsigo uma mala, um guarda-chuva,
Um relógio de sol,
Um panamá, um pente e uma luva,
Tudo assente n'um rol.

Não se pense todavia
Que viaja p'ra gosar ;
Elle corre Seca e Meca...
Só para dar que fallar.

...

O outro personagem celebrado,
A quem alludi já,
Que percorre a Europa dando brado,
É *sir* Midhat-pachá.

É um turco europeu : usa turbante
E usa chapéo alto ;
Traz aquelle em wagon, e traz penante
Quando pisa o asphalto.

Tambem não é p'ra gosar
Que viaja o grão-visir...
Expulso do seu serralho,
Viaja... p'ra distrahir.

...

O derradeiro vulto, que em demanda
De novos horisontes
Se propõe vêr a França, a Prussia, a Hollanda,
É elle, o grande Fontes!

Ao vêrem-n'o tão cheio d'arrebiques,
Tão bello e escoreito
As duquezas têm caimbras e cheliques,
Chamam-lhe amor-perfeito!

E comtudo não viaja
Com o só fim de gosar;
Elle o eximio, elle o formoso,
Viaja... p'ra se mostrar.

...

Assim, dos trez viajantes que ao presente
Preoccupam a gazeta,
É pedante um, o outro indifferente,
E o terceiro pateta.

VESPAS

O snr. Barros e Cunha, que o snr. marquez d'Avila inventou ultimamente para ministro das obras publicas, taes coisas tem feito para armar á popularidade, que o snr. Fontes, com todas as suas paradas e os seus cavallos brancos (seria lastimoso que o snr. typographo compozesse *cabellos*) fica para um canto! Em que peze ao heroe de Tan-cos e do Bugio, o snr. Barros, depois de ter sido o deputado mais fallador das camaras passadas e presentes, é hoje o conselheiro da corôa mais espectacularo, de quantos tem havido e ha.

Para s. exc.^a são optimos todos os meios de chegar á celebridade, mas á celebridade europêa, porque o nobre ministro já não aspira a outra.

Segundo noticiaram alguns órgãos da imprensa periodica, s. exc.^a fez uma variada distribuição da sua pessoa fardada, em cópias photographicas, para as diversas capitães do mundo, e especialmente para Londres.

O movimento de curiosidade e mesmo de espanto em todos os grandes centros politicos, ao contemplarem o inquieto ministro portuguez, foi expontaneo, e o *successo* do retrato de s. exc.^a completo.

Depois da visita da primeira embaixada japoneza á Europa, ainda não tinha apparecido nada mais curioso.

Diz-se que o *Punch* aproveitará o busto de s. exc.^a com chapéo de bicos para o incorporar na sua galeria de originaes, que figuram em cada artigo, formando a lettra por que principia.

Será de morrer a rir.

Para ser completa a sua celebridade, consta egualmente que o snr. Barros e Cunha vai obter d'uma fabrica de lumes a consagração das caixas de phosphoros.

Cánovas e Bismark devem estar furiosos! Nós só fazemos votos por que este pro-

cedimento menos reflectido da parte de s. exc.^a não acarrete a Portugal algumas complicações com o estrangeiro.— No caso presente importaria talvez a perda da nossa autonomia.

A celebre questão dos chouriços, que tanto tem accentuado a imprensa, a politica, e até mesmo o theatro portuguez, succedeu apimentar-se de tal fórma que, tendo chegado por sua vez a pimenta ao nariz de dois jornalistas de idéas contrarias sobre o assumpto, deu em resultado que na rua mais publica da capital e á hora do meio dia, se pegassem á bengalada, ao murro e á dentada, segundo o testemunho de ambos.

Uma gloriosa pugna, como só costumavamos presenciar ás esquinas, onde estacionam os conterraneos do Cid á espera de carroto; com esta simples differença: de que uns se bateram por causa dos chouriços, e os outros se batem com os proprios chouriços!

Depois d'este facto da pancadaria, na ver-

dade pouco estranhavel, se attendermos a que teve a sua origem nos armazens da alfandega, os esmurraçados campeões d'aquella gloriosa pugna jornalistica vieram para os seus respectivos papeis cantar prodigios de canna da India, de boxe e de canino, como se o seu amor proprio, mais ainda do que as respectivas costellas, se sentisse amarfanhado pelas revelações adversas.

É certo que, não ousando pela nossa banda, pôr em duvida as declarações dos mencionados athletas dos chouriços, somos levados a declarar que ambos deram — e que ambos apanharam.

Mas quem deu mais? e quem apanhou menos? — eis o problema, que não nos propomos resolver pelo simples facto de não estarmos ao mesmo tempo na pelle dos dois contendores por occasião da taponna. Sómente resulta das respectivas declarações impressas, e como chronistas imparciaes não podemos deixar de as referir, — que ambos deram mais e ambos apanharam menos, — o que não ousamos pôr em duvida.

Mas, o que ha de grave, o que ha de vergonhoso sobre tudo isto, é que um dos jor-

naes representados na scena de pugilato que vimos de referir, publicava na manhã seguinte o documento mais infamante de que temos noticia na imprensa periodica e que revella na gazeta alludida a existencia de certa *industria*, conhecida na giria dos gaia-tos de Pariz pelo nome de *chantage*.

Entre nós tem-n'a exercido varias companhias de *olho vivo*...

Cumpre observar que o jornal infamado não contestou o tôrpe successo referido no tal documento, ou, se o fez, de tal maneira se houve, que não démos por isso.

Cumpre rematar.

N'uma sociedade menos corrupta do que a nossa, onde as mais rudimentares noções da dignidade, honradez e moralidade houvessem penetrado mediocrementemente, o jornal que taes torpezas houvesse commettido, recebia da grande maioria dos seus assignantes a rejeição indignada do seu subsidio mensal, ordenando que jámais semelhante papel deshonrasse com a sua presença o seu gabinete de leitura ou a sua meza de trabalho, o seu balcão ou a sua officina, e elle acabaria miseravelmente.

Entre nós, porém, succeder-lhe-ha o contrario; está provado que na sociedade portugueza a infamia encontra tantos mais elementos de vida, tanta mais protecção da parte d'um publico numeroso, quanto mais se ostenta despejada e cynica em plena praça.

Isto, meus senhores, como está, já não tem remedio. Passou de verde a pôdre, e agora... apenas serve para deitar fóra.

O imperador do Brazil, D. Pedro II e Alcantara I, tem feito rir a Europa com as suas *excentricidades americanas*, expressão que na vida familiar e no tracto intimo se traduz por uma só palavra menos palaciana, é verdade, mas incomparavelmente mais adequada. Não a diremos, todavia, por dois motivos:

O primeiro é porque Sua Magestade é um homem feliz, e nós, com uma palavra, se acaso um dia lhe soasse aos ouvidos, o tornaríamos para sempre desgraçado.

O segundo — é porque nem todas as verdades se dizem.

Mas não vale esquecer o que nos trouxe aqui.

Lendo hoje uma noticia de Constantino-
pla, relativa ao grão-sultão, acudiu-nos
logo, como em idéa associada, o nome sym-
pathico do imperador do Brazil.

Tão distantes um do outro, a... excen-
tricidade approximou-os até o ponto de ca-
minharem um momento hombro com hom-
bro.

Emquanto um se fazia appellidar o *Victo-
rioso* na capital da Turquia, o outro appelli-
dava-se o *professor Pedro d'Alcantara* na ca-
pital da Italia.

Não sabemos se a historia sancionará
estes dois appellidos; pela nossa parte desde
já declaramos não pôr a menor duvida em
os atirar para a circulação, com a simples
clausula de Suas Magestades nos fazerem
explicar o mysterio :

Victorioso — é possível, mas de quem?

Professor — talvez seja, mas de quê?...

Uma folha monarchica, da *côrte*, noticia que no dia 23 do corrente se realisou no Paço um jantar diplomatico para solemnisar o 58.º anniversario da rainha Victoria; e acrescenta que durante a regia trincadeira uma bânda de musica tocára um *pot-pourri* da *Giroflé Giroflá*, que agradou muito.

Isto e a circumstancia de não se mencionar o hymno de S. M., o *God save the queen*, ou qualquer outro hymno, faz-nos suppôr que Offenbach leva de vencida a realza — mesmo no paço dos reis.

Ouvi dizer no outro dia
Que o grão-senhor de Bolama
Vai mandar para a Turquia
O pimpão *Vasco da Gama*.

Com certeza, se tal faz
Por tal fórma o turco aterra,
Que logo suspende a guerra
E assigna medroso a paz.

E de feito, o seu aspecto,
O seu artilhado forte,
O seu temível espêto,
Dizem só espanto e morte.

Ah! tudo n'elle aterrôa,
Infunde medo, pavor,
Desde o cano do vapor
Té á carranca da prôa!

Mas tambem consta... — ironia?...
Vão lá decifrar taes baldas! —
Que em vez de ir para a Turquia,
Vai simplesmente... p'ra as Caldas!

Cumpre aguardar, no entanto,
Que, sobre a sorte do *Gama*,
Inspire ao grande Bolama
O divino Esp'rito Santo!

...

E assim em breve esperamos
Vêr em que dão taes castellos...
De duas uma. Vejamos:
— Ou Caldas ou Dardanellos!

O snr. D. Affonso XII, na sua visita a Barcelona, como os seus antecessores, foi nomeado *conego* da respectiva Sé, jurando proteger o capitulo contra judeus, moiros e herejes.

De modo que, ao tractamento que lhe é devido — de Magestade — o joven rei de Hespanha acaba de juntar o não menos grandioso e especial — de reverendissima.

A proposito, consta que mais cedo ou mais tarde, — e ainda como os seus antecessores, — Sua Magestade reverendissima tambem tomará ordens.

Recebel-as-ha — do povo.

Toda a gente percebe mais ou menos que a significação da palavra *justiça* é a recta execução das leis (*Dicc. da Língua Port.* de D. José de Lacerda).

Pois aos snrs. jurisconsultos e mais homens do fôro vamos nós offerecer a simples narração de um facto, que de certo lhes fará alterar um pouco a idéa ligada áquella palavra.

Eramos jurados ha dois ou tres annos n'um dos districtos do tribunal criminal do Porto. A questão de que o jury devia occupar-se n'aquelle dia resumia-se no seguinte :

O caixeiro de um negociante de papel, o qual negociante accumulava os cargos de director d'uma companhia, de proprietario-penhorista e mesario de duas irmandades, tinha-se retirado de casa do patrão e aberto uma loja com o mesmo genero de negocio.

Furor do patrão, e logo depois denuncia para o tribunal e querella de s. s.^a contra o ex-caixeiro, na qual lhe era parte, — de o ter roubado, segundo o ultimo balanço.

Quando entramos no tribunal, sahiram-nos ao caminho dois individuos, que não tínhamos a honra de conhecer.

Entretanto, um apresentou-nos o outro; e quando esperavamos que o apresentado nos apresentasse o apresentante, aquelle, disse-nos com certo enleio cortado de reticencias :

—Pois senhor, eu... v. s.^a não me conhece, mas v. s.^a talvez saiba uma loja de papel... em tal sitio? pois senhor, eu sou

patrão do réo, e então... v. s.^a ha de desculpar, mas vinha pedir um obsequio a v. s.^a...

— Tem a bondade de dizer?

— Eu sei perfeitamente bem que v. s.^a é justiceiro, mas... n'esta causa pedia especialmente a v. s.^a que fizesse justiça...

— É uma recommendação desnecessaria a que o senhor me está fazendo.

— Perdão, mas... acho que não me expressei bem... sim, eu queria que v. s.^a fizesse justiça, mas... contra o réo.

— Como, contra...?! — exclamamos nós, surprehendido pela novidade da phraze.

— Justamente, contra o réo, que já foi meu caixeiro e é um refinado maroto.

Agora, que já estamos a sangue-frio, podiamos inventar um dito d'estalo, com que fizessemos crêr aos nossos leitores que deixamos confundido o penhorista, mas a verdade é que já não nos lembra a resposta que lhe démos, tal foi a nossa confusão. Apenas, sim, nos recordamos de que, havendo sahido jurado, fizemos justiça — contra o auctor.

A grande commissão central dos soccorros a favor das victimas dos ultimos successos aquaticos no reino exaggerou por tal fórma as proporções do desastre, auxiliada pelos seus cumplices, os jornaes, que, depois de distribuir uns quinze contos de réis pelas supracitadas victimas, não sabe o que ha de fazer dos restantes oitenta com que, n'este momento, ainda carrega.

Em taes circumstancias a commissão pensa em fazer preces para que haja novas inundações, que façam novas victimas.

É louvavel a intenção.

Os peregrinos partiram
Direitos ao Vaticano,
Levando boa maquia
P'ra o pontifice romano.

Uma pergunta innocente :
— Quando deixará o papa,
Com dados
Falsificados,
De jogar co' o mundo o *rapa* ?...

Correram-se cavallos na primeira quinzena d'este mez nos hyppodromos de Belem e Mathozinhos.

O governo dispende por anno em premios aos quadrupedes de mais folego e melhores pernas, a bagatella de 1:600\$000 réis, ou 800\$000 réis em cada epocha.

Diz-se que d'esta fórma contribue para o apuramento da raça cavallar.

Cremos que foi bazeada, n'estas considerações de apuramento, que a nossa Real Academia, propõe tambem um premio para o melhor romance historico, que veja a luz n'um certo praso marcado.

O premio é de 50\$000 réis.

Em vista d'isto, e n'uma epocha em que predomina o dinheiro, é licito perguntar, se não vale mais ser Beldemonio, o vencedor das corridas do hyppodromo de Mathozinhos, do que Camillo Castello Branco, o auctor do *Amor de Perdição*.

Disseram as gazetas da capital que alguns membros da sociedade prectora dos animaes se propunham fundar um asylo em

condições de receberem todos os bichos da criação que provassem não ter domicilio certo; todos — menos o homem.

O pôrco, o boi, a gallinha, a lebre, o ouriço, a rapoza, tudo o que vive e sente, n'uma palavra, terá o seu aposento confortável, as suas refeições a horas, o seu veterinario sollicito, os seus criados e os seus enfermeiros, — tudo, á excepção do genero humano.

— Mas porque será isto? — perguntará curiosamente o leitor, em cujo cerebro principia de fazer cócegas tão extraordinaria exclusão.

Ora, essa mesma pergunta fizemol-a nós também e a resposta foi de todo o ponto satisfatoria, como passamos a expôr.

— A razão — disseram-nos — é simples. Os membros da sociedade protectora dos animaes não fazem senão trabalhar anticipadamente para si. Elles apenas protegem os seus irmãos... é uma sociedade fraternal de beneficencia.

Escancaramos os olhos e a bocca.

— Como assim?!

— E' a verdade. Pois não sabia? Todos

os membros da sociedade protectora dos animaes crêem na metempsychose. Elles não protegem o bicho pelo bicho, mas por o que elle póde encerrar. Quem lhes diz que dentro da pelle de um cão, de um coelho, de um pato, que soffre, não está a alma penada de um amigo, de um pai ou de um irmão? quem lhes affiança mesmo que, mais dia menos dia, não irão animar esses brutinhos com o seu espirito? — Por isso, lançando os fundamentos d'um asylo para toda a sorte de bestas, tractam apenas de assegurar a sua propria sorte. Cuidam no futuro e nada mais. E' uma associação... providente.

A. Fernandez de los Rios,
Segundo o que affirma e teima,
Diz ser enorme toleima
Termos lingua e termos brios;

Que não somos povo serio,
Nem temos independencia,
Nem caracter, nem criterio,
Nem historia, nem consciencia;

Que a final (contos sabidos
E conclusão obrigada)
Não prestamos para nada...
Senão p'ra ser engolidos!

Têm estado animadas as corridas de touros na capital; e emquanto a sociedade protectora dos animaes sente o coração estalar-lhe de dôr pelo martyrio dos pobres bichos e multa com furia um cidadão por trazer um Perú depenado e morto de cabeça para baixo, a *Nação* exulta, enthusiasma-se, uiva de alegria ao assistir a uma tourada, n'um dos passados domingos, «dia de *jubilo* para o empresario e para os amadores».

Só não o foi para os bandarilheiros e para os touros; mas não se tracta agora d'isso.

Ora façam os senhores idéa, e digam-nos se não é para encher de santo regosijo, de piedosa satisfação qualquer folha catholica «uma corrida quasi á moda de Hespanha — diz ella: bois desembolados, trambolhões sobre trambolhões, e homens tirados da lide nos braços de outros!»

Depois, como um espectáculo d'estes é proprio para despertar o meigo sentimento do amor do proximo!

Como, em presença d'um par de ferros bem postos, não ha de desabrochar nos corações ingenuos e bons a dôce caridade christã!

Continuando ainda a consultar a jubilosa Nação, vemos que o cavallo do cavalleiro Batalha, erguendo-se, cahiu sobre elle, deixando-o bastante magoado, custando a desembaraçal-o da sella, e a evitar que cavallo, cavalleiro e os que lhe acudiram, fossem apanhados em grupo pelo bicho.

Depois, o segundo cavalleiro Monteiro, *vingou* o seu collega, *enfeitando* o animal, succedendo-lhe ir em seguida pelos ares, por effeito d'uma cabeçada em cheio no peito do cavallo, que ficou logo inutilisado.

Depois, dois capinhas foram colhidos e um terceiro, fugindo a um boi *voador*, «correu o risco de deixar os miolos n'uma trincheira de pedra.»

Finalmente os moços de forcado e os campinos «andaram pelos ares e de rastos.»

Mas vejam se estas commoventes peripe-

cias não são para accender em santo amor da religião e temor de Deus os espiritos devotos e todos entregues ás coisas do céu!

Este é apanhado por um touro *voador*, é poleado a grande altura, cahe de borco e fica inutilisado por alguns mezes, senão por toda a vida, — vêde, irmãos caríssimos, quanto é fragil a existencia humana!

Aquelle é levado d'encontro a uma trincheira por um boi *arisco*, que lhe parte duas costellas apenas, — attentai, religiosos circumstantes, em que ninguem póde julgar-se seguro senão na bemaventurança!

Um outro é alcançado por um animal matreiro, que o arremeça ao chão e lhe passa por cima, tendo-lhe macerado a face com uma pégada, — aprendei, piedosos concorrentes, a não vos deixardes alcançar pelo peccado, que, como o touro, vos prostrará, e talvez para toda a eternidade.

E d'este modo, crêmos, estará justificado o devoto ardor com que a folha catholica, a *Nação*, informa os seus catholicos leitores dos desastres causados na primeira corrida de touros effectuada na capital, e do seu immenso jubilo por um tal facto.

Depois d'um capitulo do Evangelho de S. João ou de S. Lucas, para edificação das almas sinceramente piedosas, não ha como uma corrida de toiros no Campo de Santa Anna, quasi á moda de Hespanha, — a catholica !

Lêmos n'um correspondente
De Bragança p'ra um jornal,
Que a nova da passeata
À residencia papal

Causou ali fanatismo !
Que entusiasmo ! que uncção !
Ir a Roma e vêr o papa,
Ha maior satisfação ? !

E o cabido pensou logo
Em mandar commissionados,
E os miguelistas, e as velhas,
E a roda dos engeitados !

Faltava, porém, a chelpa,
Para a tal per'grinação;
Que os bons peregrinos d'hoje
Tambem andam de wagão.

Tocou Tartufo, a capitulo
Dobram a irmãos os sinos,
E assentou-se recorrer,
P'ra ajuda dos peregrinos,

Aos sentimentos catholicos
Do bom povo de Bragança,
De paes a filhos e a netos
Transmittidos por herança.

Fizeram-se no districto
Grandes exforços violentos
P'ra apanhar dinheiro a ro lo,
Dando o negocio, ao to lo...
— 8 mil e 4 centos!

Falla um admirador do muito alto, muito nobre e muito conspicuo senhor de Avila e de Bolama,—para quem a politica de este paiz e do mundo não tem segredos:

—Tudo o que ha de bello, tudo o que ha de sublime, tudo o que ha de magnifico dentro e fóra da natureza, se encontra no portentoso marquez de Avila. Veja. Elle é brilhante, como o sol,—elle é cheio de graça, como Maria Santissima,—elle é infallivel, como o papa,—elle é inviolavel, como o rei,—elle *vem de 34*, como o bom vinho,—elle vae á gloria... como Portugal,—elle, finalmente, ainda póde ser comparado a Juno, porque... porque tem por symbolo o *parão*. Homem prodigioso, eu te saúdo!

—E já fallou alguma vez com esse marquez-prodigio? —perguntamos-lhe nós, esfriando-lhe a *rabia* declamatoria.

—Já; e posso gabar-me de ter despertado no celebre homem a mais viva sympathia, graças a uma idéa que tive.

—Póde saber-se.

—Eu lhe digo. De uma vez apresentei-me a elle com uma vizeira deante dos olhos —para não ser deslumbrado. S. exc.^a per-

cebeu, sorriu e mandou-me voltar. É um homem finissimo. Da segunda vez então fallei-lhe com uns oculos de rêde. Isto lisonjeou-o ainda mais, e eu fui attendido.

EXPEDIENTE

Termina, com o presente opusculo, a segunda série das chronicas mensaes, que nos propozemos editar sob o titulo um pouco irritante de *Ortigões*. O publico acolheu benevolamente esta tentativa, que, pelo seu character alegre, independente e franco limitára as suas aspirações a revistar á luz clara de uma razão limpa de preconceitos sociaes e de considerações illegitimas, os factos que mais ou menos chamassem a attenção do chronista. A esse acolhimento benevolo, cremos, correspondeu condignamente o auctor dos *Ortigões*.

Hoje, na ultima pagina d'este livrinho, pertencente ao 8.^o mez da nossa publicação, vimos declarar aos nossos estimaveis assignantes e ao publico que, tendo aceitado a proposta, que por parte do snr. Urbano Loureiro acaba de nos ser feita, suspendemos temporariamente estas revistas, com o fim de apressarmos o apparecimento de um almanach humoristico, de prophecias comicas, historietas, indiscrições, typos, anedotas, epigrammas e versos, pertencente a esta publicação, e com o titulo de

ALMANACH
DOS
ORTIGÕES
PARA 1878

—
Preço. 200 réis.
—

O editor.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

Rua de Santo Ildefonso, n.^{os} 8 e 10

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura 120 réis

Avulso 180 réis

Para as provincias accresce o porte do correio.

Porto—Typ. e Livraria Peninsular de J. de Mattos Carvalho
rua do Bomjardim, 77 e 79.